

EPISTEMOLOGIA E RELIGIÃO: Reflexões em tempos de pós-política, biopoder e pós-verdade

*EPISTEMOLOGÍA Y RELIGIÓN:
Reflexiones en tiempos de post-política, biopoder y post-verdad*

Emerson José Sena da Silveira¹
Manoel Ribeiro de Moraes Júnior²

Resumo: A presente entrevista-ensaio faz um panorama da relação entre religião, ciências sociais e ciência da religião a partir da trajetória de um pesquisador e de um balanço, breve e panorâmico, de autores e teorias no contexto latino-americano. A reflexão epistemológica sobre a religião se tornou crucial para o pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: epistemologia da religião; trajetória biográfico-teórica; biopoder.

Resumen: La presente entrevista-reflexión proporciona una mirada general de la relación entre religión, ciencias sociales y ciencia de la religión basada en la trayectoria de un investigador y una evaluación breve y panorámica de autores y teorías en el contexto latinoamericano. La reflexión epistemológica sobre la religión se ha vuelto crucial para el pensamiento contemporáneo.

Palabras-clave: epistemología de la religión; trayectoria biográfica-teórica; biopoder

Introdução

Este texto-entrevista (ou entrevista-texto) tem a intenção de provocar uma reflexão sobre questões relativas à epistemologia e religião a partir de um experimento textual híbrido entre entrevista e ensaio. A composição estrutural se constitui entre o contínuo (texto das respostas e o todo-texto/texto-todo) e o descontinuo (perguntas como subtítulos, pontos de partida e pontos-vírgula, pausas de respiração no fôlego do discurso). A questão essencial é como os estudos de religião se estruturaram e quais são os desafios e contribuições ao entendimento do religioso a partir da relação entre epistemologia e religião em diálogo com os autores clássicos e os conceitos contemporâneos como o de biopolítica e biopoder. A metodologia usada foi fundamentalmente, a qualitativa, baseada em perguntas em profundidade permeadas por uma perspectiva biobibliográfica. A trajetória e as memórias dos pesquisadores em

¹ Antropólogo. Doutor em Ciência da Religião e professor do Departamento de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com

² Doutor em Ciências da Religião, filósofo. Professor Adjunto III da Universidade do Estado do Pará; lidera o Grupo de Pesquisa Religiões, Culturais e Etnias na Amazônia (UEPA/CNPq); colabora nas investigações etnobotânicas no Herbário MFS/UEPA; docente no curso de licenciatura em Ciências da Religião (UEPA), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (Universidade do Estado do Pará - PPGCR-UEPA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). E-mail: manoelmoraes@uepa.br.



Ciências da Religião, emolduram os argumentos que se entretecem num construto que destaca a necessidade de ampliação dos estudos de religião em diálogo com as ciências sociais e a necessidade de entender os novos desafios do contemporâneo para uma epistemologia da religião, em especial, quando consideramos a questão do corpo (biopolítica) e do conhecimento (pós-verdade), produzindo uma sociologia do (des)conhecimento do religioso.

1. Emerson Sena da Silveira, sua trajetória intelectual tem como marca indelével a intersecção entre as áreas das Ciências da Religião e a Antropossociologia. Como aconteceu a sua inclinação em direção aos estudos da religião a partir das Ciências Sociais? No começo dos anos 1990, ao iniciar o curso de Ciências Sociais (com ênfase em antropologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais, um novo panorama se descontou e me vi envolvido pelo poder hermenêutico das dúvidas. Eu estava ligado a um movimento religioso, a renovação carismática católica, e vivia em uma imensa tensão entre as demandas do absoluto e as provocações, em bom sentido, que os professores e disciplinas traziam. A tensão entre fé e razão foi uma marca em minha trajetória biográfica. Minha mãe, costureira e dona-de-casa, muito católica, e meu pai, operário em fábrica de armamentos, cético e anticlerical, trouxeram influxos paradoxais. Entre as duas polaridades, havia momentos de diluição e relativização: minha mãe, como boa católica, se abria a influências religiosas afro-brasileiras, esotéricas e kardecistas e meu pai, como bom cético, tinha um grande respeito aos rituais e liturgias religiosas, apesar de suas ácidas e bem-humoradas críticas à Igreja, ao clero e ao entrelaçamento entre poder religioso e poder político. Povoaram minha juventude e se chocavam com as vivências católicas em muitos sentidos. Eu vivi muitas leituras religiosas e não-religiosas - da Bíblia (e toda sua vasta coleção de livros e gêneros literários), dos livros de Allan Kardec (1804-1869) à coleção *Os Pensadores* (da Abril Cultural), minha primeira paixão literária. Na adolescência, meu pai as comprava, o que me deixava muito feliz, às vezes faltava um item da coleção, o que me deixava triste. É preciso dizer que a constituição das teorias, dos sujeitos, das religiões e das subjetividades, das experiências, das vivências, o vírus e a sociedade, a natureza e a cultura, não são opostos, reinos distantes, mas são uma realidade única que contém multiversos, desdobrados e dobrados entre si. (SILVEIRA, 2004).

Eu alternei, em minha adesão religiosa, entre momentos mais fundamentalistas e momentos mais sincréticos, com intensas misturas espirituais. Vivi experimentações que

ainda me acompanham, pois a religião tem complexidade humana, tem uma pergunta que sempre me encasquetou: “*por que os seres humanos mergulham com tanta paixão nos labirintos religiosos?*” Assim, uma das motivações que me levou à escolha do curso de Ciências Sociais era resolver as tensões existenciais e entender os dilemas religiosos que assaltavam minha família, eu e meu entorno próximo (amigos/amigas).

Havia mais motivações que contribuíram para meus posteriores caminhos de pesquisa das religiões, por exemplo, a paixão pelas ciências humanas, nascida da leitura de textos de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e novelas ou romances de Franz Kafka (1883-1924), Émile Zola (1840-1902) e Machado de Assis. (1839-1908). Dois contos de Schopenhauer carioca, negro, fato que foi ocultado e invisibilizado em nossa sociedade, me impressionaram vivamente, “A Igreja do Diabo” e ‘A Cartomante’. Esses contos, profundamente desconcertantes, irônicos e reflexivos, guiavam meus passos quando eu me entregava aos louvores e cantos católico-carismáticos. Ao rezar, ajoelhado muitas vezes, sempre mantinha uma pulga olha atrás da orelha e um olho no altar. Aliás, meu tio dizia, em tom meio sério, meio jocoso, um ditado popular que remete a uma atitude de questionar, de duvidar, de estar sempre atento: “um olho na missa e o outro no padre”.

Na escola básica, no ensino fundamental e médio, que fiz parte em escola pública, parte em escola privada, quando tive professoras e professores críticos e quando entrei em contato com a literatura, acendeu-se uma chama inapagável de perguntas e dúvidas: a religião, o que é; o que dela se pode dizer; quando podemos dizer religião e religiões. Assim, durante o curso, fui travando contato com leituras, teorias e professores que marcaram minha reflexão. Karl Marx (1818-1883) foi uma leitura fascinante e ainda muito válida, embora em alguns grupos das ciências sociais da religião e das ciências da religião se faça uma caricatura das críticas da religião que o filósofo alemão fez em diversas passagens. A arquitetura de sua reflexão sobre ideologia e o fetichismo da mercadoria são geniais. E os clássicos. Max Weber (1864-1920) e Émile Durkheim (1858-1917) foram me seduzindo para uma leitura da religião ampla, mostrando o quanto a religiosidade e a sociedade estão relacionadas, implicadas, imbricadas. O curso, como estava montado, tinha uma série de disciplinas em antropologia, sociologia e ciência política, dando uma ampla visão. E havia as disciplinas de complementação como economia brasileira, histórica econômica e social, história da filosofia e filosofia social. Não se fazem mais currículos assim. Tive a alegria de ter professores na graduação que também me mostraram autores e teorias inovadores: Lévi-Strauss (1908-2009), Gilles

Deleuze (1925-1995), Félix Guattari (1930-1992), Jürgen Habermas (1929-), Anthony Giddens (1938-), Michel Foucault (1926-1984), Marcel Mauss (1872-1950), E. E. Evans Pritchard (1902-1973), Clifford Geertz (1926-2006) e fantásticos brasileiros como Gilberto Freyre (1900- 1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Roberto da Matta (1936-), Viveiros de Castro (1951-), Oliveira Viana (1883-1951). Atualmente, em minha universidade, a formação acadêmica se tornou um pouco aligeirada com os bacharelados interdisciplinares em ciências humanas. Sabemos que é preciso ampliar o acesso à universidade pública e, por isso, manter e elevar a qualidade se tornou um desafio ainda maior.

Durante todo o curso, a religião permaneceu em meus calcanhares e fiz dela meu objeto de TCC, num movimento de duplo risco: analisei o movimento carismático católico em seus aspectos rituais e sociais ao mesmo tempo em que dele participava. Era necessária uma dialética entre o distanciamento reflexivo-crítico e as vivências profundas do elemento místico. O processo todo foi agônico, tenso, mas em espiral ascendente e ressignifiquei pertenças e crenças pessoais. Em outras palavras, as leituras sociológicas e antropológicas inocularam novos gostos e implodiram algumas estreitezas de horizontes, ampliando-as para a vastidão dos fenômenos. Max Weber e Clifford Geertz, ajudaram-me a andar pelo labirinto das religiões em seus rituais e construções de sentidos. Ciência e religião se tornaram, para mim, gêneros e narrativas específicas, cujas competências são distintas. A lógica causal-racional da ciência moderna não serve para descrever a religião, assim como a lógica simbólico-poético-moral da religião não serve para narrar a ciência. As duas narrativas descrevem as realidades de formas distintas, sendo mais bem manejadas se forem pensadas como perspectivas e não como pontos absolutos ou metafísicos. Talvez fique melhor ilustrar a ideia de narrativas. Tomemos o livro do Gênesis e sua potência poética: serpentes que confabulam, gigantes, anjos caídos, batalhas celestiais, jardim universal e árvores da vida e do conhecimento, fruto proibido. É impossível o descrevermos bem sob a lente da lógica de causa e efeito, que guia a *Hard Science*. A *Soft Science*, isto é, as ciências humanas, guiam-se por outra lógica, a interpretativo-compreensiva- crítico-analítica. Nessas regiões do saber humano, é preciso considerar as distinções internas a cada grupo de ciências: a medicina e a economia, por exemplo, são incomensuráveis, com graus de precisão específicos. As ciências humanas tem suas singularidades, por um lado, e um objeto universal, os fenômenos humanos, por outro. Por isso os ateus positivistas radicais apontam, equivocadamente, a todo o

momento, supostas contradições nos livros bíblicos. Não é muito produtivo ler a Bíblia dessa forma. E não falei dos livros mais intrigantes, como Jó, Eclesiastes e Cantares de Salomão, poema erótico-amoroso.

Por outro lado, a ciência moderna descreve fenômenos complexos-naturais em termos eficazes, das sinapses cerebrais à formação das galáxias, a história geológica da Terra, a química orgânica e inorgânica, a relatividade e a gravidade, a astronomia e a neurologia. Todavia, conforme as proposições de antropólogos e filósofos como Bruno Latour, Tim Ingold e Philippe Descola, não se pode mais pensar e descrever a natureza e a cultura/sociedade/política/política separadamente, como se fossem duas coisas diferentes. Desde a emergência da moderna espécie humana, natureza e cultura desenham uma fusão que no auge do capitalismo neoliberal-financeiro que vivemos articula indissoluvelmente vírus, doenças, sinapses cerebrais às culturas, classes sociais, estruturas políticas, estradas, infovias, laboratórios, universidades, espaços públicos e religiões. Daí a importância das ciências interpretativo-histórico-antropossociológicas, como a Ciência da Religião. Por outro lado, a emergência das ciências humanas agregou à narrativa científica, a lógica racional-interpretativa, que amplia as perspectivas para além da lógica causal. É preciso pensar os domínios e narrativas da religião e das ciências para cada situação e fenômeno, mas, ao mesmo tempo, de forma integral, holística.

Após o curso de Ciências Sociais, com ênfase em antropologia, as pulgas atrás das orelhas se multiplicaram, as inquietações aumentaram e acabei fazendo a trajetória que me levou da especialização ao doutorado em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. O espectro de autores e teorias se aprofundou, se adensou e procurei dialogar com os autores e teorias clássicas das Ciências da Religião a partir do lugar de fala, Ciências Sociais da Religião, para analisar as tensões inerentes ao fenômeno religioso, a autonomia e heteronomia da religião diante da dimensão social, cultural e política. No mestrado e no doutorado, continuei a analisar o fenômeno da renovação carismática católica, sob novos enfoques, e trouxe, para dialogar, Mircea Eliade (1907 - 1986), dentre muitos autores que utilizei como plataformas analíticas. O lugar de fala, por outro lado, não é uma prisão e nem um túmulo, mas, eu o comprehendo como uma abertura radical - no sentido de Hans-Georg Gadamer (1900-2002) – para alteridades, reflexões e pensamentos, pois é o lócus das raízes (psicológicas, religiosas, sociais, econômicas, políticas, poéticas, morais) que me constituíram e que podem se pluralizar e se entrelaçar em novos solos e produzir novas compreensões e autocompreensões. Se não consigo

escapar ou anular meu lugar de fala, eu posso bailar no círculo hermenêutico ao abrir-me ao diálogo com alteridades radicalmente distintas que, por sua vez, em seus lugares, se projetam em minha direção. Não se tratar, por suposto, de falar por um grupo, por uma minoria, ou de representação, mas de “falar junto com”, ombreados, ombro a ombro, como diria Paulo Freire, sem romantizar os parceiros do diálogo, nem o diálogo, mas enxergando as especificidades e o horizonte hermenêutico. Mas, não podemos esquecer da crítica de Jürgen Habermas às distorções e desigualdades estruturais, muitas vezes inscrita na Tradição (tradições), que introduzem assimetrias (poder) nos diálogos, muito menos das ideologias, que ocultam a violência simbólica inscrita nas relações sociais. Paul Ricouer, por fim, dialogando com Habermas e Gadamer, observa que, ainda que seja atravessada por implícitos e pactos de violência, a tradição (a religiosa) pode ser reinterpretada e ser espaço de liberdade, igualdade e emancipação. durante a vida, podemos transitar de lugares de fala: mudanças geográficas, sociais, culturais, econômicos, políticas e religiosas podem me relançar em novos terrenos, alguns dos quais desconhecidos. Dão-se os encontros intersubjetivos. Um possível exemplo são as igrejas cristãs inclusivas da população LGBTQIA+.

2. Como você avalia o desempenho das Ciências Sociais da Religião na área das Ciências da Religião? As Ciências Sociais da Religião, um nome que agrupa a sociologia da religião, a antropologia da religião, a história e a geografia da religião, nasceram tendo como elemento fulcral, a análise da religião, em suas dimensões rituais, míticas, territoriais, sociais, históricas e culturais, e sua profunda relação com a sociedade moderna. Émile Durkheim, em sua obra clássica sobre a religião (*As Formas Elementares da Vida Religiosa*), travou um duro diálogo com autores e teorias do campo clássico da Ciências da Religião como Cornelis ou Cornelius Tiele (1830-1902) e abriu uma enorme senda para pesquisas posteriores que partem de sua ideia mais fundamental, o sagrado é uma expressão do social, da solidariedade social e vice-versa. Max Weber consagrou profundos estudos sobre as religiões mundiais, cunhou modelos teóricos profícuos e deixou uma luminosa trilha com o clássico “A Ética protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”. Diga-se de passagem, que um dos maiores sociólogos da religião, Antônio Flávio Pierucci (1945-2012), realizou uma tradução da grande obra weberiana do alemão ao português recuperando as aspas postas na palavra ‘espírito’, perdidas em traduções do alemão para o inglês e deste para o português. Carlos Sell, agora um dos maiores especialistas em Weber, destaca que os clássicos são inesgotáveis. Em 2020, a Editora

Vozes publicou, acrescida de elementos fundamentais, a obra prima weberiana: “*A ética protestante e o espírito do capitalismo. Edição incluindo: Anticríticas, Igrejas e seitas na América do Norte. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo*”. São muitas as pesquisas e os autores que ao longo do tempo tornaram as ciências sociais da religião uma área densa e com grande massa crítica de pesquisas e de estudos.

É impossível resumir em poucas páginas a densidade e complexidade dessa massa crítica que tem desempenhado um papel importante para os estudos de religião que são uma cordilheira: atravessam regiões do saber. Todavia, eu aponto algumas grandes contribuições das Ciências Sociais da Religião para a área de Ciências da Religião, a partir de pensadores como Pierre Bourdieu, sociólogo francês; Rita Segato (1951-), antropóloga argentina-brasileira; Talal Asad (1932-), antropólogo saudita e Marcelo Camurça, antropólogo e professor ativo no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Antes de continuar, preciso dar uma palavra ao meu eterno mestre, aposentado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi ele, carioca-mineiro, que me orientou no mestrado/doutorado e ajudou-me a percorrer inspiradoras trilhas nas Ciências Sociais da Religião em interface profunda e indispensável com as Ciências da Religião. Por isso eu me digo e me conjugo no plural, antropólogo e cientista da religião. São essas as duas identidades que me constituem, são meus lugares de fala a partir dos quais emergo, existo e dialogo, apontando para o horizonte em busca de novos diálogos, parceiros, parceiras e caminhos.

Falo um pouco das contribuições que em minha avaliação, são fundamentais. Primeira contribuição: não é possível pensar a religião sem pensar os problemas do poder e do capital simbólico, sem considerar os efeitos da adesão religiosa sobre a análise e epistemologia da religião. Segunda: os paradoxos do discurso racional diante do sagrado devem ser levados seriamente em conta para que a religião não seja entendida como uma mera máscara social descartável. Terceira contribuição: as definições de religião, de laicidade, de secularismo, dentre outras, são construtos históricos, sociais, culturais e simbólico e devem ser compreendidos dentro de um amplo quadro de constituição das sociedades e do mundo moderno. Talvez a grande dádiva das Ciências Sociais da Religião seja a desconfiança permanente em relação a definições e conceitos muito substancialistas de religião, cultura e sociedade. Em que pese a importância de alguns autores e estudos

substancialistas, não se pode abrir mão da capacidade crítico-analítica das ciências sociais da religião e sua potência hermenêutica.

3. Os estudos sociais tiveram marcantes flertes com ideias políticas. Você traz essa afinidade e quais você associaria os seus estudos? No começo de minha graduação, em especial após as leituras de Karl Marx e Sérgio Buarque de Holanda, eu trilhei a senda intercomunicante entre sociedade, política e religião. Depois, com o tempo, essa linha ficou um pouco latente e aflorou, mas muito lateralmente no mestrado e no doutorado. No entanto, nos últimos anos, o assunto voltou à carga e intui o quanto seria importante trazer de novo ideias políticas, em especial, diante da reorganização de grupos religiosos reacionários e conservadores que avançam sobre o espaço público e os aparelhos estatais.

Num estudo recente, por exemplo, eu tecí uma apreciação de quatro discursos de um padre católico reacionário nas redes sociais, *YouTube* mais especialmente, e percebi a insidiosa presença, oculta deliberadamente, de categorias políticas de dominação e poder, conjugadas com artifícios para desconstruir ideias políticas antagônicas, fazendo delas, caricaturas malfeitas e ruins, incorrendo, inclusive, em erros graves do ponto de vista acadêmico, ao associar e culpar, por exemplo, a dialética de Hegel ao diabólico e ao mal, no sentido religioso. Os discursos religiosos cristãos ultraconservadores tendem, por exemplo, a naturalizar e substancializar concepções de família (a patriarcal heteronormativa) e de Estado, o neoliberal, que promove uma regulação desregulada, ideia paradoxal, mas que se relaciona com a ideia de que não existe mercado livre, mão invisível ou livre mercado absoluto. Ao contrário, para que o neoliberalismo funcione como mecanismo político, econômico e cultural, é preciso uma intervenção ativa do Estado privatizando e emprestando crédito, a partir de bancos oficiais, aos empresários que participam dos leilões de privatização. Tome-se o caso do aborto e o da diminuição da menoridade penal, antípodas que habitam o discurso da curiosa fauna dos cristãos reacionários, a favor da absolutização da vida, por um lado, e do rigor punitivista aos jovens, por outro. Temas sempre polêmicos e indefinidos é o da origem, constituição e início da vida. O vírus, como organismo, em escala nanométrica, está, por exemplo, na fronteira entre o vivo e o não-vivo, e, simultaneamente, percorre os caminhos sociais e políticos dos homens, das classes sociais, das políticas públicas de saúde, a biopolítica da população, no dizer de Michel Foucault.

Emerge um formidável desafio para as ciências da religião e as ciências sociais e humanas que estudam a religião: a integração dos saberes. Se o positivismo do século XIX separou os saberes, separou política e biologia, a peste (no sentido de Albert Camus) do coronavírus, nos ensina, de maneira mais definitiva, que não há separação entre biologia e política ou saúde, sociedade e religião. A noção de corpo está sendo reformulada: quando começa e quando termina um corpo. A pele, como primeira linha fronteiriça, já não diz mais nada: quem consegue definir a que distância um corpo começa em relação à pele de outro indivíduo. Na esteira dos filósofos contemporâneos como Peter Sloterdijk, Byung-Chul Han, Giorgio Agamben, multiplicam-se as perguntas: um corpo é o vazio assumido por qualquer forma a partir de uma interação eternamente virtual ou ainda é algo que se toca, cheira, que se concretiza, unívoca e unicamente, em um lócus social. No Brasil, quem tem discutido mais amplamente, popularizando os conceitos desses filósofos, apontando seus limites para a análise do Brasil e propugnando uma nova analítica da relação entre saberes, corpos, política, doença, saúde, é o filósofo Paulo Ghiraldelli. Além de livros de livros publicados e textos oferecidos gratuitamente em plataformas digitais (Academia.edu), possui um canal de YouTube para democratização e livre acesso das discussões e análises filosófico-sociais-políticas-estéticas. Parodiando dois títulos de filme de um de nossos mais criativos cineastas, o baiano Glauber Rocha (1939-1981): o Dragão da Maldade contra o santo Guerreiro na Terra em Transe, é o que vivemos e o que somos.

O corpo perpassa a religião e a religião atravessa o corpo e, nessa interrelação, a dimensão político-social se imiscui. Um simples exemplo da mesclagem inseparável entre vírus, biologia, política e religião: aglomerações de evangélicos pentecostais num domingo de ramos (cinco de abril de 2020) na porta do Palácio do Planalto (Brasília) - em resposta ao pedido do presidente e pastores por um jejum nacional (contra o coronavírus) - apesar da recomendação de isolamento e distanciamento social (evitar a aceleração de contágio), firmemente defendidas por órgãos internacionais e do ministério da saúde brasileiro. A atuação do presidente (e seu entorno), o coloca como um homem-vírus, ou seja, uma entidade em processo de fusão motivada pela confusão entre a ânsia de morte do vírus (não se sabe se tem ou não vida) e do capitão.

Os biólogos e médicos dizem que poderá ocorrer um largo período de quarentenas pois não se sabe se a pandemia vai durar pouco ou muito, ou se será contínua. Não se sabe se ocorrerão ondas sucessivas de contaminação ou reinfecção. A primeira onda de

contaminação saiu da cidade e região de Wuhan/Hubei (China), e se propagou pelo mundo. Uma segunda onda de contaminação pode sair da Europa/EUA/América/África para o mundo asiático, trazida principalmente pelos asiáticos que vivem, passeiam ou trabalham. O fechamento de fronteiras é uma medida paliativa e não garante certeza de contenção do vírus ou dos vírus. Por que? Porque vivemos um extremo grau de integração e globalização (viagens, cadeias produtivas, comércio, turismo, religião, migração espontânea e forçada). Também pode ocorrer a mutação do coronavírus e teremos uma terceira onda com cepas viróticas mutantes, indissoluvelmente interligadas à sociedade, à política, à religião. Não temos a menor ideia do que virá pela frente e do que virá a ser o mundo após a Covid-19, em muitos sentidos: estético, político, jurídico, médico, corporal, social, religioso. Os velhos conceitos das ciências humanas e das ciências da religião não dão mais conta de interpretar, de modo eficaz, as mudanças e abalos que vivemos e que poderão se prolongar durante muito tempo. É o fim dos saberes compartimentados e desconectados entre si, o fim do ideal positivista de separação entre as ciências. Ninguém mais sabe O que está ou não dentro do território do saber médico e da política ou do direito ou da religião: não há o fio dourado de Ariadne neste Labirinto de Minotauro contemporâneo.

Em relação as ideias políticas são um campo muito vasto, mas, por exemplo, podemos pensar numa bela articulação entre fenômenos religiosos e ideias políticas desde as reflexões de Nicolau Maquiavel (1469-1527) até as de Jürgen Habermas (1929-), Giorgio Agamben (1942-), Viveiros de Castro e Peter Sloterdijk (1947-), filósofo alemão que tenho começado a ler, em especial suas ideias de uma psico-política ou psicologia política. Eu penso, por exemplo, que as ideias de esquerdas e de direitas e a ideia de reacionarismo e conservadorismo, não perderam sua pertinência, ao contrário, são fundamentais, especialmente quando conjugadas com as renovadas análises sobre o conceito de ideologia e de fetichismo da mercadoria. No campo da laicidade, das relações entre Estado, partidos e igrejas, precisamos estudar ainda mais as relações entre religião e política. É perceptível, por exemplo, que os líderes ultraconservadores evangélicos e carismáticos católicos trocaram o pacto antigo com as esquerdas – não se esquecer da Carta aos Brasileiros escrita por Lula e da aliança dos governos de esquerda com as igrejas e líderes evangélicos como o Bispo Edir Macedo da Igreja Universal – por um porta-voz “puro”, Jair Bolsonaro, e por um projeto de poder específico para o Brasil. O presidente participou de cultos religiosos e recebeu, de seus líderes, a imposição de mãos como

símbolo da unção divina e tem comparecido a cultos religiosos, inclusive a um dos maiores eventos evangélicos, a *Marcha para Jesus* da cidade de São Paulo que reuniu em 2019, entre 2 a 3 milhões de fiéis em um importante feriado católico, o Corpus Christi. A relação desse presidente é muito mais íntima e maior do que os presidentes que o antecederam.

Entre os ministros e nos escalões de segundo e terceiros graus do atual poder executivo reacionário-autoritário, existem pastoras e pastores ligados às mais variadas igrejas, todas elas de topografia extremamente moralista-conservadora, beirando o elemento mágico-irracional. Envolvida em declarações polêmicas, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, pastora evangélica, propôs abstinência sexual a ser discutida nos colégios e escolas brasileiros. como o melhor método para combater infecções transmitidas sexualmente, como a AIDS, uma “santidade”. A santidade cristã, assim como a defendem alguns grupos carismáticos e evangélicos pentecostais, envolve uma guerra sem fim contra a pluralidades de valores, em especial os vividos por minorias religiosas, sexuais, étnicas e sociais – e a defesa de um valor absoluto idealizado, o de uma suposta vida cristã regulada moralmente e fora da qual outros valores e modos são perigoso, ilegítimos ou ilegais. A base do novo poder fundamentalista político-religioso-econômico brasileiro está ancorada em quatro grandes grupos: os militares, os neoliberais, os cristãos evangélicos e carismáticos conservadores e o partido político do judiciário. Em 30 de maio de 2019, as massas reacionárias saíram às ruas em grandes e médias cidades brasileiras para apoiar o atual governo extremista. Observaram-se cenas apocalípticas: grupos evangélicos empunharam bíblias e grupos católicos rezaram diante de imagens da Virgem de Fátima, ambos a pedir benção para o governo, o livramento do “comunismo”, a reforma da previdência, a liberação das armas, a proibição do aborto e do casamento gay, o fechamento do Congresso Nacional e da Suprema Corte. As ideias políticas, como se vê, reemergiram com força, embora a Ciência da Religião ainda não tenha assumido completamente essas questões.

4. Muitas vezes as áreas de conhecimento no Brasil - como também em toda América Latina - são exigidas a mostrarem uma matriz teórica que revelem uma presença significativa da religião no horizonte acadêmico mundial. O que você destacaria dos Estudos da Religião do Brasil e da América Latina? Existe tanta coisa para destacar e, ainda assim, temos uma vasta massa de pesquisas, estudos, autores e temas. Quando ampliamos o campo para a América Latina, vemos o quanto essa galáxia

de pesquisas e autores é importante. É impossível dominar com maestria toda a carga de leitura de pesquisas acumuladas ao longo de décadas.

Os estudos de sociologia e antropologia dos fenômenos religiosos ou fenômenos a ele atinentes a religião no Brasil e na América Latina possuem clássicos contemporâneos e autores consagrados que sempre valem a pena recordar. Na virada do século XIX para o século XX, mas mais especialmente nas cinco primeiras décadas , as interrogações sobre o que eram as identidades nacionais, o Estado, o desenvolvimento social e econômico e a relação entre as religiões e expressões religiosas, muitas delas antigas e pouco estudadas, ocuparam os pesquisadores, pensadores, de forma direta e de forma indireta. E por que caminhos e trilhas se começou a estudar religião? Uma das sendas foram as nobres linhagens dos orixás, *orishas*, *orisás*, o antigo caminho que unia a África, imenso continente com uma enorme riqueza de culturas, sociedades, impérios, tribos, etnias e religiões, ao Brasil, imensa nação, forjada em séculos de cruel escravidão que deixou marcas em nossa cultura, instituições e religiosidade indeléveis. Quem começa as pesquisas sobre as expressões religiosas oriundas da África e aqui refundadas, são médicos, sob a influência do higienismo, dos estudos de criminalidade, da antropologia física, em particular o baiano, egresso da Escola de Medicina de Salvador, Nina Rodrigues, criticado e elogiado, apontando como um dos responsáveis pelo nascimento do campo da antropologia brasileira.

O estado republicano, sob a batuta dos positivistas, tratou de, inspirado em modelos europeus, impor legislações e modernizações à força em todos os campos da vida, inspirado num modelo de superação entre poder religioso e poder civil. Os códigos jurídicos, por exemplo, penalizavam a prática ancestral das medicinas religiosas, a prática da magia e dos feitiços. Sofreram perseguição, os kardecistas, os afro-brasileiros em suas variadas expressões e cultos regionais e locais, o catolicismo popular, a pajelança, as religiosidades ribeirinhas etc. O antropólogo Emerson Giumbelli, no livro “*O cuidado dos mortos*”. oriundo da nova geração de cientistas sociais pós-ditadura que estudam a religião, analisa como o kardecismo enfrentou a mão do Estado, da Igreja, da medicina e do poder judiciário.

Mas, talvez seja a década entre 1930 e 1970 a que mais frutificou em estudos clássicos, indispensáveis para as ciências sociais da religião e a ciência da religião. Cabe referência aqui à fundação da Universidade de São Paulo que trouxe Lévi-Strauss e Roger Bastide (1898-1974) e Ruth Landes (1908-1991). É importante dar vez e voz às mulheres.

Temos dado pouca atenção as pesquisadoras, pensadoras (sociólogas, antropólogas, estudiosas da religião). A história de Landes é muito interessante. A antropóloga americana chegou ao Brasil em 1938, ficou até 1939 e tinha o intuito de realizar a pesquisa de pós-doutorado pela Universidade de Columbia. Herdeira do legado de Franz Boas, germano-estadunidense fundador da escola culturalista na antropologia, seu enfoque principal era as relações inter-raciais no Brasil em comparação com as relações interraciais norte-americanas. Mas, antes dela, em 1935, Donald Pierson (1900-1995), um dos integrantes da escola sociológica de Chicago (não confundir com o decadente neoliberalismo da escola econômica de Chicago), estudioso de nossas raízes culturais-religiosas, tinha chegado na Bahia e constituiu uma rede de informantes que ajudou Landes a escolher Salvador para sua pesquisa de campo. Aqui, todavia, o foco de estudo da antropóloga estadunidense mudou e passou a estudar a matriarcalidade e sexualidade no candomblé. Esse dado interessante nos aponta para a riqueza hermenêutica e experiencial que toda pesquisa de campo contém, a imprevisibilidade, a experimentalidade, a abertura à alteridade e a capacidade de produzir reflexões e hermenêutica. Considero a pesquisa de campo, a etnografia, a observação participante, dentre mais perspectivas ferramentais e heurísticas, essenciais para as Ciências da Religião.

Um dado importante foi o apoio do intelectual negro e comunista Edson Carneiro, com quem teve um romance. Landes foi deportada. A transgressão existencial acadêmica, no sentido melhor, afrontou o Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial liderado por Getúlio Vargas (1882-1954), que colocou os comunistas na ilegalidade, e as leis raciais norte-americanas, fundadas na visão eugênica. Aponta-se que o papel de Ruth Landes na ruptura com o *status quo* social e acadêmico pelo estilo como escrevia (reflexiva, experimental) e pela abordagem corajosa ao trazer para a discussão, já naquela época, questões de gênero, raça, sexualidade, dando especial atenção ao poder feminino (mães de santo) nos candomblés tradicionais como o de Gantois e o poder dos homossexuais nos candomblés de caboclo. Há transgressões fundantes, essenciais, basilares, autênticas, que fazem parte dos estudos de religião; há que se considerar as variantes regionais e locais e seus discursos internos, suas inserções no espaço público e no espaço acadêmico, entre muitos outros fatores.

Na década de 1930, emergem os mestres Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que, ao estudarem a cultura e a sociedade brasileiras, não deixaram de analisar

o elemento religioso. No clássico “*Casa Grande e Senzala*”, de 1993, Freyre faz uma magistral interpretação de nossa religiosidade, edulcorada, doce, cheia de rituais, salamaleques, rapapés, intimidades com o sagrado, mas, ao mesmo tempo perpassada pelo autoritarismo violento, por crenças messiânicas e salvacionistas, mágicas. Está em polêmica, a questão das mestiçagens, cultural, religiosa e sexual. Todavia, é importante lembrar que Freyre não defendeu a ideia de democracia racial como alguns atribuem, embora sua obra tenha um sentido de superar o pessimismo que havia nos meios sociais e acadêmicos em relação à “civilização” tropical, em relação a nossa estrutura e origem, como se tivéssemos uma marca bestial insanável. Se lermos bem o seu texto, vemos que Freyre não nega a crueldade extrema do regime de escravidão, as violências e atrocidades. Em minha leitura, há uma combinação estranha entre hierarquia, dominação, verticalidade, relações de afeto e sexualidade, mestiçagem que perpassa as relações coloniais e que não foram verificadas em sistemas de segregação racial estruturada como no Sul dos EUA, que tinha regime escravocrata e social muito semelhante ao nosso regime patriarcal. Claro que não se pode negar o problema do racismo estrutural e do racismo religioso no Brasil, e aí vemos como o viés freireano pode ser contestado, ao menos em parte. Um dos estudos sobre a questão da intolerância religiosa às expressões de matriz afro-brasileira é Vagner Gonçalves da Silva que publicou em 2015 uma boa coletânea do tema. Não há autor clássico que não possa ser trazido ao bom debate e bem criticado. Por outro lado, Buarque de Holanda tem um belo livro, pouco lembrando, “*Visão do Paraíso*”. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil”, mas que é interessante para pensarmos como nossa origem (cultura e nação brasileiras) está mesclada indissoluvelmente à motivos religiosos-teológicos.

Lembremos que em 1993, Adolf Hitler (1889-1945) ascende ao poder definitivamente na Alemanha, traz o nazismo, ideologia de extrema-direita, ao centro dos embates sócio-políticos e deslancha o programa de purificação racial (um programa de genocídio) e passa a eliminar por meio de fornos crematórios e balas de fuzil, comunistas, liberais, opositores políticos e religiosos (padres e pastores protestantes), homossexuais, negros, ciganos, testemunhas de Jeová, pessoas com deficiência mental e física, e, com maior número, os judeus. Freyre é logo traduzido ao espanhol, ao inglês, francês. Em que pese as críticas à forma como maneja certas palavras, o impacto de sua obra no Brasil e na América Latina é indubitável. Uma das mais recentes edições em espanhol data de 2012, da Fundación Cultural.



Mais tarde, quando o catolicismo começa a declinar no Brasil e na América Latina, quando os evangélicos avançam e novas expressões religiosas adquirem mais força e presença, surgem nomes como Cândido Procópio Camargo (1922-1987), formada pela USP, sociólogo da religião paulista, publicou estudos seminais na década de 1960, publicados em espanhol, especificamente na Colômbia. Seu famoso estudo, “*Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*”, publicado em 1961 e no mesmo ano “*Aspectos sociologicos del espiritismo en São Paulo*” (Bogotá, Colômbia). As obras analisam duas grandes expressões religiosas brasileiras a partir do quadro teórico da sociologia do desenvolvimento e da sociologia weberiana. Em 1973, Procópio Camargo publica “*Católicos, protestantes, espíritas*”, pela Editora Vozes, inspirado pela sociologia da religião norte-americana e a sociologia weberiana, com pioneiros estudos quantitativos. A continuação de seu trabalho foi dada por dois grandes estudiosos, oriundos da USP, Reginaldo Prandi (1946-) e Antônio Flávio Pierucci que se dedicaram a estudar alguns destes temas, respectivamente, a estudar as religiões afro-brasileiras, umbanda e candomblé e os aspectos do catolicismo, protestantismo, panorama religioso brasileiro, secularização, sociologia da religião, identidade e cultura, igreja, modernidade religiosa. Destaco um texto muito interessante de Pierucci, “*O interesse religioso dos sociólogos da religião*”, que é uma dura e pertinente crítica, num estilo cortante e weberiano, aos problemas metodológicos advindos dos laços religiosos não-reflexivamente trabalhados e autocriticados que os estudiosos da religião, sejam sociólogos ou cientistas da religião, mantém com suas religiões de origem ou de escolha/eleição.

À mudança religiosa que o Brasil passou a viver a partir dos anos 1950, Procópio Camargo dá o nome de internalização religiosa, que afetava as grandes e antigas religiões, como o catolicismo, ao deixar lado sua ruralidade e atavismo, e as novas expressões, como o pentecostalismo, o kardecismo e a umbanda, novos modos de existir religiosamente na sociedade. Citando um trecho do seu livro *Igreja e Desenvolvimento*,

Religiões internalizadas, quer pentecostal, espírita ou católica, têm em comum o fato de oferecerem modalidades de orientação de vida para considerável parcela da população brasileira que se vê envolvida em intenso processo de mudança social. (...) Estas modalidades religiosas são capazes, cada qual a seu modo, de dar forma e impregnar de sentido um estilo de vida relativamente adequado ao setor que se moderniza na sociedade brasileira (CAMARGO, 1971, p. 2).



O problema da relação entre mudança social, econômica e a religião, permanece atual, embora emerjam novos fenômenos e novos conceitos diferentes elaborados, diferentes dessas clássicas teorias da religião.

Um nome importante é o do sociólogo paulista Florestan Fernandes (1920-1995), com estudos fundamentais para a compreensão do religioso, embora não tenha se dedicado a escrever sobre o tema especificamente. Lançado em 1952, “A função social da guerra na sociedade tupinambá”, é fruto de sua tese de doutorado defendida no ano anterior na USP. Essa obra é pouco citada entre os estudos e livros que coroam sua imensa carreira de cientista social oriundo das classes populares. Todavia é um livro raríssimamente citado nas Ciências da Religião, mas vital para os estudos de ritual e mito. Florestan releu, escarafunchou, escavou raridades documentais, trabalhou fontes históricas de vários tipos (cartas, mapas, desenhos, relatos, livros raros) que mofavam nas prateleiras de institutos, bibliotecas e instituições dedicadas à história e à geografia e trouxe um estudo sobre guerra, magia e religião que mergulha no âmago dos mitos de origem do Brasil. O canibalismo tupinambá, condição ritual estrutural dessa sociedade de guerreiros, está no vértice de grandes polêmicas e eventos: a devoração ritual do primeiro bispo enviado ao Brasil, nas costas da Bahia, Dom Pero Fernandes Sardinha (1496-1556), nascido em Évora ou Setúbal, e os duros debates teológicos travados por Jean de Léry (1534-1611), missionário huguenote (calvinista) francês, contra os católicos em meio às tentativas de invasão francesa dos anos 1555-56 no Rio de Janeiro. O embate teológico-religioso se deu em torno da crítica de Léry à forma como os católicos portugueses se horrorizavam com o canibalismo ritual tupinambá e, ao mesmo tempo, viviam uma religião cujo epicentro é a eucaristia, um banquete em que os fiéis comungam/comem a “verdadeira carne e verdadeiro sangue de Jesus Cristo”, segundo a teologia clássica do catolicismo.

Florestan Fernandes dedica o livro a Herbert Baldus (1899-1970), etnólogo brasileiro, nascida na Alemanha, e a Roger Bastide (1898-1974), o grande antropólogo das religiões afro-brasileiras, em especial o candomblé, quando este vivia um momento de transição sob o impacto profundo das mudanças sociais e econômicas (modernização urbana e industrial). Em 1958, no livro “*Os candomblés da Bahia*”, Bastide colocou questões fundamentais sobre religião e identidade nacional. A progressiva transformação da religião dos orixás trouxe a questão de como se dão os processos que levam a derrubada de fronteiras étnicas e a abertura para horizontes sociais e culturais diferentes no campo

da religião. Bastide tem estudos mais literários de religião, mesclando sociologia e literatura, no belo livro (“Imagens do Nordeste Místico em preto e Branco”, pela editora Cruzeiro, publicado em 1945).

No grande movimento de transformação das sociedades latino-americanas, em especial após a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), o pentecostalismo, que tinha chegado pouco a pouco no começo do século XX (Brasil, 19010; 0), despertou intensas polêmicas e os estudos de religião começaram por tentar esquadriñá-lo e compreendê-lo. Em 1968, o sociólogo Christian Lalive d'Epinay (1938-) lançou o livro “*El Refugio De Las Masas. Estudio Sociológico del Protestantismo Chileno*”, que marcou uma grande trilha de estudos e influenciando abordagens brasileiras: em 1971, a Editora Paz e Terra traduziu e publicou esse clássico dos estudos de religião. Logo depois, Beatriz Muniz de Souza publicou em 1969 um estudo pioneiro sobre o pentecostalismo na cidade de São Paulo (“*A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*”), analisando essas novas massas religiosas que viviam no ambiente urbano, desconectados com as religiões de origem dos pais e avós, que em grande parte eram católicos.

É interessante perceber como a preocupação hermenêutica desses estudos se davam em algumas direções, das quais destaco duas: 1) do quanto o pentecostalismo estava casado com situações de mudança social intensa, de ruptura com o tradicionalismo social ou com a transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna e 2) da alienação política, com uma tendência para acentuar a separação entre mundo e religião e, com isso, o apoliticismo ou a recusa do mundo na espera do salvador/salvação a partir de um comportamento moral.

O tema do comportamento moral é imprescindível e tem recebido pouca atenção, por um lado, ou tem sido interpretado um tanto deslocada, por outro. No Brasil, o pentecostalismo se tornou, em sua expressão institucional, muito masculinizado. Poucas mulheres foram ordenadas pastoras nas Assembleias de Deus. Para esse fato, concorreu o costume social brasileiro, ou *mores*, no sentido romano-latino (o contrário de *ethos*, sentido grego), que legitimava o poder arbitrário, impositivo, vertical, hierárquico do homem, do marido, ao pai, ao chefe. Recentemente, pesquisadoras das Ciências da Religião, como Valéria Vilhena (UMESP) recuperaram o papel essencial da missionária sueca Frida Vingren ou melhor, Frida Maria Strandberg (1891-1940), casada com um dos fundadores das Assembleias de Deus, Gunnar Vingren (1879-1933), relegada a um profundo ostracismo e esquecimento por embates que travou contra o pesado *mores*

masculino tropical. Quando desembarcou em Belém do Pará em 1910, logo se pôs a exercer atribuições (exercer o ministério pastoral, organizar e escrever um jornal), que eram quase exclusivamente exercidas por homens. Mas essa coragem desagradou os pastores. Segundo as recentes pesquisas, perseguida e pressionada, Frida voltou à Suécia e morreu tragicamente, internada à força em hospitais psiquiátricos.

Uma das ideias de senso-comum que formaram um pano-de-fundo de muitas investigações, foi a noção de que o pentecostalismo, e mais tarde as igrejas eletrônicas e a renovação carismática católica, seriam agentes deliberados do imperialismo norte-americano, uma forma de maquinção dominadora. Uma ideia que, na verdade, é uma grande teoria da conspiração, pois não aprendeu lições preciosas, das quais destaco duas.

Primeira lição. Não confundir teoria da conspiração, que tenta fazer uma relação de causa-e-efeito absoluta entre fatos, eventos, elementos da realidade, construindo uma colcha de retalhos com a ideia de conspiração, ações de grupos e indivíduos para fazerem prevalecer suas ideias, valores e visões de mundo, o que ocorre em qualquer grupo social inclusive religioso.

Segunda lição. Todos os movimentos religiosos ou espirituais quando deslocados ou quando se deslocam de seus quadros de origem, interagem fortemente com os quadros dos lugares para onde foram deslocados ou se deslocaram, criando uma situação complexa em que, de um lado, estruturas permaneceram enquanto formas, de outro lado, novas raízes e novos sentidos nasceram e cresceram. Assim foi com a religião dos orixás, praticada por diversas etnias na África e que adquiriu novos sentidos e significados quando pela força da escravidão cruel foi trazida nos porões dos navios negreiros para a fazendas de cana-de-açúcar e café do Brasil; assim com o pentecostalismo que nasceu no sul dos EUA entre pobres, negros e mulheres, com um forte veio contestatório e chega ao Brasil, aportando em Belém; assim com a renovação carismática católica que nasceu entre universitários norte-americanos num clima ecumênico e pentecostalizado. O que essas expressões religiosas se tornaram ao longo do tempo, apesar da existência de padrões, mitos e rituais comuns e transversais, é algo que, muitas vezes, entra em certo confronto com o que parecia ser sua origem. É importante esse ponto porque temos, como estudiosos da religião, uma tendência comum, a idealizar as origens e raízes das religiões, tornando-as nobres ou rasteiras demais (idealização positiva, idealização negativa). Não podemos esquecer as lições de Friedrich Nietzsche em duas obras seminais, “*Genealogia da Moral*” e “*Crepúsculo dos Ídolos*”.

Se na sociedade em geral temos um conhecimento geral não-científico e não-reflexivo amplamente difundido – senso-comum - baseado em estereótipos, preconceitos, visões e imagens distorcidas, falsas etc., na academia também se forma, como apontou Pierre Bourdieu, o duto-senso, o senso-comum dos doutores. O desafio da Ciência da Religião é problematizar o senso-comum acadêmico e dar combate hermenêutico ao senso-comum e duto-senso quando este naturaliza e banaliza ideias, categorias e práticas. Por isso, se faz imprescindível perguntar se essas trilhas teóricas e investigativas, abertas pelos clássicos dão conta de explicar, total ou parcialmente, a relação entre política, ocupação do Estado, espaço público e pentecostais e neopentecostais.

Vamos aproveitando o ensejo e ver como se deu o crescimento evangélicos no Brasil. A partir de 1986, os evangélicos são o grupo religioso que mais cresceu e o que mais tem ocupado o espaço público, distribuídos por suas mais diversas igrejas, com centenas de políticos eleitos nas mais diversas esferas, federal, estadual e municipal. Ao longo do tempo, os evangélicos, reunidos em diversas igrejas, formaram uma bancada que foi crescendo paulatinamente. em 1986, na primeira eleição para deputados e senadores, tinham 18 representantes.

Nos anos 1980, os evangélicos eram apenas 6,6% da população. Nos anos 2000, eles passaram a representar 15,4% da população e, em 2010, chegaram a 22,2%, o que significa, em números absolutos, um salto de 26,2 milhões para 42,3 milhões de adeptos. Uma das mais poderosas igrejas pentecostais brasileiras, a Assembleia de Deus, soma mais 12 milhões de adeptos, uma das mais difundidas de norte a sul, do campo à cidade, com centenas de políticos eleitos nas esferas local, regional e nacional e de tendência conservadora e moralista.

Os evangélicos, reunidos em diversas igrejas, formaram uma bancada que foi crescendo paulatinamente. em 1986, na primeira eleição para deputados e senadores, tinham 18 representantes. Em 2019, a soma de deputados e senadores que constituem a Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional atingiu 91 políticos eleitos, 84 deputados e 7 senadores, em um universo de 594 congressistas (513 na Câmara e 81 no Senado. Em porcentagens totais, mais de 15% dos políticos eleitos participa de expressões religiosas evangélicas. Se a esse grupo somarmos os políticos carismáticos-católicos conservadores, uns 10 deputados, mais de 20% do Congresso Nacional é cristão-conservador e reacionário.

Tomemos os últimos números da eleição de 2018, dados numa reportagem de Eustáquio Diniz (2019) e vejamos os votos por cada segmento religioso aos dois candidatos finalistas, um da extrema-direita e outra da esquerda. O ex-capitão, reformado foi votado assim: católicos, 69% (21 milhões e 595 mil); afro-brasileiros 30% (312 mil); espíritas 55% (1 milhão e 721 mil); outras religiões 68% (709 mil); sem-religião, 45% (3 milhões e 286 mil), ateus/agnósticos, 36% (375 mil). Os votos católicos para o candidato da esquerda social totalizaram 45% (29 milhões e 630 mil); os evangélicos 31% (10 milhões e 42 mil); os afro-brasileiros 70% (755 mil); os espíritas 45% (1 milhão 457 mil); as outras religiões 32% (345 mil); os sem-religião (4 milhões e 157 mil); os ateus/agnósticos 64% (691 mil). Portanto, é o campo cristão conservador-reacionário aquele que historicamente se constituiu como mais afeito à aliança ou ao conflito com os poderes políticos institucionais. Como explicar, por exemplo, a avalanche de votos evangélicos, e pelo menos 30% de votos das outras religiões, dadas a um candidato da extrema-direita que se assumiu homofóbico e se porta como um apologistas de um regime ditatorial e de um notório torturador sádico e cruel, o comandante Ustra. Como se vê, as Ciências da Religião e as Ciências Sociais da Religião são fundamentais no panorama brasileiro e latino-americano. A realidade é, aparentemente, homogênea, mas se observarmos bem, ela é multifacetada, ambivalente, ainda que debaixo de padrões e tendências. Mudanças podem ocorrer, ocorrem, ocorrerão...

São tantos os nomes que não poderei colocar todos eles, mas podemos pensar em mais alguns, como Carlos Rodrigues Brandão, Maria Isaura Queiroz, Regina Novaes, Patrícia Birman e Otávio Velho que estudaram, dentre muitas temáticas, respectivamente algumas destas (entre outras): as tradições populares católicas, evangélicas, espirituistas; os messianismos e milenarismos, tão fundamentais e temas a serem retomados; a relação entre cidadania e pentecostalismo; os estudos de gênero da umbanda e candomblé e pentecostalismo e cultura midiática; a questão pentecostal e a cidadania no campo e na cidade; as apropriações da Bíblia, cristianismo e antropologia, novos paradigmas para o estudo da religião.

Por fim, temos o pós-modernismo nos estudos de religião com o antropólogo Michael Taussig (1940-), que estudou a região Sudoeste da Colômbia em 1969 e 1986 e em 1987 publicou um livro, traduzido em 1993 e divulgado pela Paz e Terra com o título “*Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*”.

Cito uma passagem da nota inicial deste livro:

Juntamente com Walter Benjamin, meu propósito é liberar aquilo que ele notou como sendo a enorme energia da história que se encontra confinada no ‘era uma vez’ da narrativa histórica clássica. Ele assinalou que a história lhe mostrava as coisas ‘como elas eram realmente foram’ revelou-se o narcótico mais forte do nosso século. E é claro que continuam sendo. Liberar esta energia requer modos especiais de apresentação cujo objetivo é estilhaçar o imaginário da ordem natural, através do qual, em nome do real, o poder exerce sua dominação. Opondo-me à magia dos rituais acadêmicos de explicação que, com sua promessa alquímica de apartar o sistema do caos, nada fazem para encrespar a plácida superfície desta ordem natural, escolhi trabalhar com uma forma diferente da modernidade e com o primitivismo que ela invoca, a saber, transportar para a história o princípio da montagem [...] (TAUSSIG, 1993, p. 15).

Há distorções e acusações contra o pós-modernismo e muita incompreensão. Não vou aprofundar essa importante corrente de pensamento, mas direi aqui duas críticas do pós-modernismo antropológico que são muito válidas para os estudos de religião: 1) toda escrita de um texto, em especial o acadêmico, é o exercício de um poder que, se não for submetido ao processo de reflexão e autocrítica, pode trazer um efeito inconsciente, o da invisibilização, ocultamento e distorção dos sujeitos que vivem e produzem religião e de suas contradições, problemas, conflitos e ideologias; 2) toda autoria é um poder exercido sobre uma realidade e o poder, se não é submetido a reflexão crítica, tem um efeito, o de instituir, constituir, naturalizar, legitimar um saber, como nos lembra Michel Foucault (1926-1984) em seu magistral texto, “*A ordem do discurso*”. Caminhando para fechar a longa resposta, do que eu tenho lido, um bocadinho do oceano de pesquisas e autores, eu destacaria quatro áreas nas Ciências da Religião: 1) a reemergência dos estudos sobre religião e política, incluindo aí a questão da laicidade, da relação entre aparato estatal e igrejas etc.; 2) os estudos sobre a relação entre religião e identidades culturais, sexuais e identidades de gênero, e seus processos de elaboração e construção ritual, social, política, econômica, com a presença da decolonialidade e outros paradigmas; 3) a discussão sobre a identidade epistemológica e metodológica das Ciências da Religião; 4) os novos estudos sobre imagem, cultura visual, mídias e sua relação com a religião.

5. Qual a importância das Ciências da Religião para a pesquisa e para a educação escolar? A importância é fundamental: quanto maior e mais amplo o horizonte de leituras, autores, temas e pesquisas em Ciências da Religião e em Ciências Sociais da Religião, maior é a capacidade dos sujeitos de entenderem o mundo, as transformações do mundo e criticarem visões ideológicas. Aliás, sob esse aspecto, é muito interessante

as discussões teóricas que apontam como uma visão ideológica não mente, ou seja, ela não usa dados, fatos e eventos falsos e mentirosos, mas produz, a partir da forma os dados e fatos verdadeiros como são postos, expostos, debatidos e refletidos, uma consciência distorcida e falsificada do mundo. Por suposto, não há grupos ou pessoas que pairem acima de qualquer visão ideológica, mas, a análise das visões ideológicas é indispensável. Por isso é fundamental a pesquisa das Ciências da Religião. Ela ajuda-nos a entender os labirintos entre a sociedade e a religião e se aplicada no contexto escolar, amplia ainda mais a profundidade da formação dos sujeitos: mais pluralidade, mais perspectivas, mais capacidade de mover-se no mundo e lê-lo de forma mais adequada. Todavia, é preciso dizer que ela só avança a partir de dois pilares: liberdade de cátedra e apoio estatal e público.

Para você ter uma ideia do quanto ainda estamos defasados, do total de matrículas do ensino superior, as universidades públicas são responsáveis apenas por 30%. O resto, 70%, está nas mãos do setor privado cada vez mais concentrada nas mãos de poucos grupos empresariais. E olhe que nos tempos dourados de investimento na educação e pesquisa pública, que foram os anos entre 2002 e 2015, havia alguns problemas, como a drenagem de recursos públicos para empresários do setor privado, a partir de programas como o FIES e o PROUNI. A pesquisa básica em Ciências da Religião é fundamental para a formação de uma sólida cidadania e contribui diretamente para a manutenção do ambiente que favorece o Estado Democrático de Direito, que, em minha visão, está sob risco de implosão e anomia no atual contexto sócio-religioso-político-econômico. Hoje, o CNPq destina pouco dinheiro para bolsas de iniciação científica, um programa fundamental para o crescimento da ciência no Brasil.

6. Como podemos entender o Brasil contemporâneo a partir dos Estudos da Religião? Podemos entender o Brasil quando os Estudos de Religião nos descortinam, debatem, criticam, expõem, contextualizam, analisam a rede de relações que une sociedade, política, cultura e religião, em suas mais diversas dimensões. Vou dar um único exemplo, a importância de entendermos o avanço dos evangélicos de modo geral e de modo específico. O campo cristão conservador é o que historicamente se constituiu como mais afeito à aliança ou ao conflito com os poderes políticos institucionais.

Em 2019, a soma de deputados e senadores que constituem a Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional atingiu 91 políticos eleitos, 84 deputados e 7 senadores, em um universo de 594 congressistas (513 na Câmara e 81 no Senado). Em

porcentagens totais, mais de 15% dos políticos eleitos participa de expressões religiosas evangélicas. Se a esse grupo somarmos os políticos carismáticos-católicos conservadores, uns 10 deputados, mais de 20% do Congresso Nacional é cristão-conservador e reacionário. Portanto, entender o Brasil contemporâneo, é entender essas configurações, e muitas outras. Por exemplo, o aumento explosivo dos casos de intolerância religiosa que tem afetado profundamente as religiões as afro-brasileiras, embora também prejudique expressões religiosas indígenas, católicas, evangélicas e muçulmanas. Os registros de depredação de locais e objetos de culto, agressão física, verbal e virtual a adeptos dos credos afro-brasileiros aumentou explosivamente nos últimos anos, em especial durante e após as eleições presidenciais de 2018. Apenas na região mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, foram afetados mais de 120 terreiros, como se chamam os lugares de culto das religiões de matriz africana, depredados, pichados ou invadidos. Por isso, estudos como os descritos no livro “*Oração de Traficante, uma etnografia*”, de Christina Vital da Cunha, são vitais, pois põem em conexão campos de estudos que se mantinham paralelos ou não se comunicavam: poder público, tráfico, milícias, favelas, religião, violência e igrejas evangélicas e terreiros de umbanda e candomblé.

Há uma questão que emerge com força para a complexa e densa relação entre a religião e as epistemologias em tempos de pandemônio e de pandemia (Covid-19) que é a do biopoder, da pós-verdade e da pós-política. Trata-se de pensarmos a epistemologia dos estudos de religião com Michel Foucault, Giorgio Agamben, Roberto Esposito e Peter Sloterdijk. Inspirados nos autores aludidos o que podemos, sucintamente, chamar de pós-verdade, pós-política e biopoder, respectivamente, como: 1) rejeição do critério racional lógico-causal ou histórico-compreensivo de verdade/falsidade e a atração pelo absurdo-irracional-controverso como criador de uma identidade social ou digital coletiva (gerador ou mantenedor de 'likes' e laços sociais); 2) a apostila no 'antissistema', a busca constante de um inimigo a ser combatido e eliminado com êxtase (efervescência sacral) e a rejeição do critério lógico-causal ou / e histórico-abrangente de verdade/falsidade no país. jogo político democrático-republicano; 3) o exercício do poder (biopolítica e anatomia-política) sobre, dentro e através de corpos sociais (população, cidades, nações, blocos de nações) e corpos individuais: controlando a vida e a morte, doenças, reprodução , previdência social, formação de conhecimento sexológico, psiquiátrico, psicológico e médico, promoção da saúde pública, próteses como parte do corpo. O que podemos chamar

de a religião bolsonarista, está no entrecruzamento do biopoder, da pós-verdade e da pós-política. E o que seria uma “religião bolsonarista”? Seria aquela constituída por um grande agrupamento, mais ou menos entre 12% e 15 % da população brasileira, com uma base principal no catolicismo reacionário-conservador e em igrejas pentecostais e neopentecostais de mentalidade mágica (grande parte), estendendo-se pelo kardecismo, afro-brasileiros, orientais que: 1) idolatra e cultua um “mito” de forma apaixonada e obcecada, até as raias da loucura e êxtase, 2) apropria-se dos símbolos nacionais, os sacraliza e os ideologiza, fundindo-se a eles, 3) faz rituais sacrificiais (ajuntamentos em meio à pandemia e carreatas de morte que pedem o fim da quarentena, fechamento do STF e do Congresso Nacional, 4) julga-se o universal, pura, eleita e com uma missão dada pelo divino, à qual os outros grupos religiosos (e não-religiosos) devem ser submetidos, combatidos ou eliminados. A referência ao intervalo de 12 a 15% do núcleo mais duro do bolsonarismo, é baseada numa pesquisa do DataFolha (2019)³ que cruzou dados a partir de três critérios: os que avaliam o governo como ótimo, os que concordam 100% com tudo que o presidente diz e os que avaliam Bolsonaro como ótimo. Acrescentando-se essa pesquisa aos dados da votação de 2018 para presidente por segmentos religiosos de votação (69% dos evangélicos ou 21 milhões e 595 mil; 60% de outras religiões ou 709 mil; 55% dos kardecistas ou um milhão e 721 mil; 51% dos católicos ou 29 milhões e 794 mil; 30% dos afro-brasileiros ou 312 mil) e os últimos dados de apoio que dão uma perda de arrependimento de votos dados ao presidente da ordem de 12% evangélicos e 22% de votos católicos, temos um panorama da “religião bolsonarista”.⁴

Há um conceito - necropolítica, de Achiles Mbembe, filósofo camaronês -, que, suspeito, não nos ajuda o bolsonarismo, um fenômeno novo. O Brasil é um laboratório de experimentações as mais díspares, para o bem e para o mal, ou além deles, como diria Friedrich Nietzsche. Apenas um diálogo entre a epistemologia das ciências da religião e das ciências sociais com a ficção de um genial Stan Lee (Stanley Martin Lieber), desenhista, escritor e criador da Marvel Comics, podem nos dar ferramentas para pensarmos a relação entre religião, sociedade e cultura contemporânea. Inspiro-me nas ideias de Paulo Ghiraldelli (2019) que sugeriu a imagem do Bolsovírus, uma fusão dos dois entes à moda de Stan Lee. Por isso, não se pode combater o vírus sem combater

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/nucleo-duro-de-apoio-a-bolsonaro-e-de-12-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>> Acesso em: 27 abr. 2020.

⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/presidente-se-afasta-de-bolsonaristas-catolicos-ao-minimizar-pandemia.shtml>> Acesso em: 15 abr. 2019.

Bolsonaro. É uma antropologia fantástica, calcada na metáfora, mas é uma potente ferramenta epistemológica.

Fazer dialogar conceitos, autores, epistemologias, é vital ao estudioso da religião: o conceito de biopolítica, de Foucault, conjugado às ideias de Karl Marx (fetichismo da mercadoria e do dinheiro) e Gilles Deleuze (fascismo molecular, subjetivo, moral, cotidiano e fascismo molar, estatal, político), ajuda a entender melhor a relação entre sociedade, religião, economia e pandemia de Covid-19. Vou correr os riscos de redução, mas serei breve: Bolsonaro quer a vida, mas, a da nação, a dos mais fortes da nação porque todos devem ser submetidos ao vírus, se contaminarem, pegarem imunidade⁵ e aqueles que morrerem nesse processo, serão apenas mero efeito colateral, para a glória da nação. E em nossas condições de racismo estrutural, pobreza, desigualdade social, hegemonia do capital financeiro e do neoliberalismo, quem morre, matado, assassinado, são negros, pobres, indígenas, população em situação de rua, o povo das periferias e favelas. Em outras palavras, vivemos um genocídio, são dezenas de milhares de mortos, e podemos chegar a mais de 60 mil mortos. Do começo da pandemia no Brasil, em fevereiro ao presente momento, as frases de Bolsonaro, oscilando entre o negacionismo e a afirmação, confirmam a biopolítica sobre os corpos nus (dos segmentos mais vulneráveis).⁶ O lema da campanha eleitoral corrobora também a ideia da nação: “Deus acima de tudo, Brasil acima de Todos”. E é o plano de Deus, assentem os pastores bolsonaristas, porque se baseiam numa imagem do Senhor dos Exércitos que ordenou a Moisés que falasse em nome Dele ao Faraó para libertar o povo cativo. Mas, Ele, simultaneamente, endurecia o coração faraônico para não deixar o povo hebreu livre, lançou as 10 pragas, sendo a última, a mais terrível: o anjo da morte ceifou a vida dos primogênitos de toda criação – humana e animal - que não fosse marcada com o selo de Yawé, e crianças morreram aos borbotões. Mais uma vez, precisamos entender esse relato como uma narrativa poético-mítica-moral. Está nessa conta ficcional-teórica, a aberração do "placar da vida" que deita e rola em "zaps" de bozoístas, em propaganda de políticos (dos partidos de direita, centro e até de esquerda). Oculta-se a morte, o horror real, celebra-se a vida, mas uma vida

⁵É a “imunidade de rebanho”, ideia falsa para vírus respiratórios do século XXI, e ainda que fosse plausível, seria indigna, porque supõe que o ‘rebanho’ todo seja exposto à doença para que adquira anticorpos, mas muitos morrem nesse processo, por suas fragilidades.

⁶ No dia 20 de abril, ele disse: "Eu não sou coveiro, tá?", No dia 28 de abril: "E daí? Quer que eu faça o quê?". Para conferir as frases: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996

“eugenizada”, purificada, “nazistizada”, benta. Por isso, na praia de Copacabana, diante de um protesto-homenagem as milhares de vítimas da Covid-19 - cem covas rasas cavadas na areia com as respectivas cruzes -, um grupo de bolsonaristas vocifera contra e um deles derruba os signos do Crucificado, alegando que o gesto provoca pânico⁷. Deleuze afirma que no nazifascismo de Hitler e Mussolini, os dois fascismos se fundiram em grau máximo, fascismo político, Estado forte, centralizador e comportamento fascista, subjetivo, familiar, paroquial, constituindo a uma enorme maquinaria de produção de biopolítica nazista devoradora das minorias, opositores, judeus, homossexuais, negros, minorias religiosas. E, segundo Hanna Arendt, estavam acionando as engrenagens, as pessoas comuns, as medíocres, frustradas ou ressentidas, e não monstros ou doentes irremediáveis.

No Brasil, temos um fenômeno novo: o fascismo, ou melhor, um comportamento fascista (em nível subjetivo e grupal), sem Estado uma mescla de milicianismo, igrejas mágicas, anarco-capitalismo⁸ e neoliberalismo, tudo junto e misturado⁹: todos trabalham, mas perdem direitos; o estado se retira (privatiza, permite armas aos cidadãos, diminui escola, universidade, saúde e segurança públicas); o sistema financeiro, favorecido desde os governos de Fernando Henrique Cardoso, prospera¹⁰, as milícias agem nas sombras¹¹, as igrejas mágicas apascentam os rebanhos e adocicam as consciências (e as alienam da política)¹², e as famílias ricas, espalhadas nas instituições republicanas mandam¹³. E isso

⁷Na sequência, um pai, homem negro, que perdeu o filho ceifado pelo Bolsovírus-19, entra na areia, repõe as cruzes e enfrente o bolsonarista que pega uma bandeira do Brasil que estava sobre as cruzes. Veja a cena em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/11/grupo-ataca-manifestacao-que-lembra-mortos-pela-covid-19-no-rio.ghtml>>

⁸ No caso do Brasil, é uma retro-utopia, uma caricatura ruim do que pensou Robert Nozick, com seu livro *Anarquia, Estado e Utopia*, lançado nos anos 1970 e marcou um movimento de apropriação de princípios filosóficos que embasam as correntes anarquistas por parte da direita conservadora.

⁹ A fonte dessa argumentação inspira em Ghiraldelli. Seguem os links do canal e da página onde encontram-se os textos e vídeos que explanam melhor essas questões.

Link do Canal: <<https://www.youtube.com/channel/UCBMKrkHv07GoYb5ITL0sYQ>>

Link do Blog: <<https://ghiraldelli.pro.br/>>

¹⁰ O Banco Central poderá comprar papéis podres dos bancos. Dizem que alguns tem mais de 15 anos, e outros são da crise de 2008, mas que ficaram nas carteiras de bancos e que agora serão recomprados, às custas dos brasileiros. Veja: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/pec-do-orcamento-de-guerra-e-vista-como-pec-da-faria-lima-por-criticos.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996> E este vídeo:

¹¹ Vide este exemplo: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/milicia-segue-com-construcoes-ilegais-na-zona-norte-mesmo-apos-denuncias.ghtml>

¹² Veja este exemplo: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/04/bolsonaro-vai-participar-de-live-com-malafaia-e-outros-lideres-evangelicos.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>

¹³ Vide a nomeação de Fabio Farias, deputado federal genro de Silvio Santos, dono do SBT. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/06/11/nomeacao-de-fabio-faria-para-ministerio-causa-mudancas-na-bancada-federal-do-rn-e-na-camara-de-natal.ghtml>>

ele obtém pela infiltração massiva e não por golpe clássico, que não haverá. Mas, o fascismo molecular pode se ampliar, se viralizar, danificar mais as instituições republicanas e, por extensão, a democracia.

Por fim, os Estudos de Religião também ajudam a lançar um olhar sobre a regionalidades e suas especificidades, por exemplo, as intrincadas teias e redes que, na Amazônia, enfeixam e entrelaçam num mesmo tecido social, relações complexas entre evangélicos, indígenas em sua diversidade étnica e cultural, populações ribeirinhas, poderes públicos, igrejas (católica e evangélicas), direitos humanos, identidades culturais e sexuais/gênero. O quadro histórico, religioso e social brasileiro, como um todo e regionalmente, é extremamente complexo e pouco afeito a reduções teóricas, apesar da minha tentativa de fornecer traços para entender a relação entre pluralismo religioso e contexto sociopolítico.

Considerações finais

O campo de estudos da religião, e suas perspectivas epistemológicas, se co-constitui, *pari passu*, com as subjetividades dos que o compõem, no caso dos investigadores – e seus engajamentos e desengajamentos que elabora ao transitar/habitar nas dimensões a religiosa, política, existencial e a acadêmico-científica. Em geral, esses pressupostos são deixados de lado nas reflexões das ciências da religião porque parecem inspirar suspeitas de não-objetividade, caso se considerem como parâmetros, a epistemologia da ciência galileana e da filosofia cartesiana-positivista e caso se temam os possíveis efeitos de experiências religiosas das trajetórias dos pesquisadores. A reflexão sobre o religioso na contemporaneidade não pode deixar de se debruçar sobre a epistemologia do conhecimento que as tradições sócioantropológicas do pensamento brasileiro e as tradições de pensamento das ciências da religião.

A relação entre sociedade e religião no Brasil e os estudos que lhe estão ligados perfazem uma trajetória que elegeu certos enfoques metodológicos e epistemológicos. Esses foram acionados para entender tendências estruturais presentes em nossa sociedade, como a perda de fôlego do catolicismo, a ascensão do pentecostalismo e neopentecostalismo e da bancada política ligada a esses estilos e estruturas religiosas, a emergência de identidades como a dos afro-brasileiros, dentre outras. Todavia, diante de fenômenos novos (híbridos de religião, política e cultura), evidenciados recentemente, e acentuados na atual pandemia de Covid-19, possuem algumas limitações, entre as quais, a ideia do passado como fonte modelar para se esgotar a explicação do que ocorre no

presente e iria ocorrer no futuro, O entendimento da religião no cenário contemporâneo brasileiro necessita, pois, de uma retomada crítica dos estudos/autores clássicos dialogada com estruturas conceituais da epistemologia contemporânea, como a noção de biopolítica.

Referências.

- CAMARGO, Cândido Procópio. **Igreja e desenvolvimento.** São Paulo, CEBRAP/Editora Brasileira de Ciências, 1971.
- DINIZ, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **Instituto Humanitas Digital**, UNISINOS, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>> Acesso em: 07 jun. 2019.
- FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá.** 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2000. (Prefácio de Roque de Barros Laraia)
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** São Paulo: Schmidt, 1936 [1933].
- GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos:** Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GHIRALDELLI, Paulo. **A filosofia explica Bolsonaro.** São Paulo: LeYa, 2019.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978 [1936].
- PIERUCCI, Antônio F. Os representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, n.11, p. 104-132, 1989.
- PIERUCCI, Antônio F. Interesses_religiosos dos sociólogos da religião. In ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997, p. 249-262.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: Edusp, 2015.
- TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem.** Um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz & Terra, 1993.
- VILHENA, V. C. **Frida Maria Strandberg (1891-1940):** mais do que esposa de pastor. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.